

A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA PUBLICADA PELA LIVRARIA LEITE RIBEIRO: JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E CHRYSANTHÈME

Gabriele Maris Pereira FENERICK*

■ **RESUMO:** Este estudo parte da análise de duas obras literárias publicadas pela Livraria Leite Ribeiro na década de 1920: *A isca*, de Júlia Lopes de Almeida, e *Mãe*, de Chrysanthème, pseudônimo utilizado por Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos. Como objetivo principal pretende-se apresentar parte da escrita de autoria feminina publicada pela Livraria Leite Ribeiro no início do século XX. Como referencial foram utilizadas as pesquisas de Hallewell (2017), Velloso (2010) e Castro (2019), além do acervo disposto pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Em conclusão, foi possível constatar que ambas as escritoras discutem, nessas obras, temas relacionados ao cotidiano da mulher moderna, mas de maneiras distintas. Júlia promove uma reflexão acerca de questões relacionadas ao cotidiano da mulher e seu papel no cenário familiar, enquanto Chrysanthème parece revelar de forma mais ostensiva problemas não apenas culturais, mas políticos e sociais que interferem na liberdade de escolha da mulher. Desse modo, o fato de a Livraria Leite Ribeiro não se pautar estritamente na produção de livros de autoria feminina, uma vez que a maioria dos livros publicados pela editora são de autoria masculina, não exclui a possibilidade de haver uma linha editorial inerente às obras de autoria feminina publicadas pela editora durante o período investigado, uma vez que ambas tratam de temas relacionados ao mesmo universo.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Livraria Leite Ribeiro. Júlia Lopes de Almeida. Chrysanthème.

Introdução

Durante a segunda década do século XX, o Brasil enfrentou a Primeira Grande Guerra e a Gripe Espanhola e aprendeu a lidar com o impulso da modernização, fortemente presente na então capital nacional, o Rio de Janeiro, única cidade

* Doutoranda em Estudos Literários. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Departamento de Literatura e Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, PR, Brasil – g.fenerick@gmail.com.

brasileira à época com mais de 1 milhão de habitantes (CASTRO, 2019). Para Sussekind (1987), a modernização dos meios de comunicação e de locomoção influenciaram diretamente na transformação da técnica literária, que marcava a expressiva racionalidade técnica impulsionada pelo novo cenário industrial, em que, concomitantemente, a capital nacional assumia-se como um dos principais pontos de disseminação literária do Brasil.

Segundo Ruy Castro (2019), na década de 1920 o Rio de Janeiro contava com cerca de quarenta livrarias, que também atuavam como editoras, tipografias, papelarias, bancas de jornais e oficinas de encadernação. Hallewell (2017, p. 459) enfatiza que eram apenas dez livrarias mais relevantes no centro da cidade, se desconsiderarmos os sebos, e que, apesar de o Rio de Janeiro ser duas vezes maior do que São Paulo na época, a atividade livreira paulista era muito mais intensa. Nesse contexto, a Livraria Leite Ribeiro & Maurillo se destacou como a principal livraria e casa editora da capital nacional (Ibid., p. 378). De acordo com dados levantados pelo projeto “A prosa de ficção brasileira dos anos 1920: história literária e editorial”, coordenado por Milena Ribeiro Martins, a Editora Leite Ribeiro é a segunda em número de livros de prosa de ficção publicados nos anos 1920, dos quais apenas 9 dos 41 livros identificados até o momento são de autoria feminina.

Partindo desse pressuposto, o presente texto tem como objetivo principal apresentar parte da escrita de autoria feminina publicada pela Livraria Leite Ribeiro no início do século XX. É importante ressaltar que as informações até aqui exploradas contemplam uma pesquisa em andamento. Desse modo, pretendeu-se analisar alguns aspectos das obras *A isca*, de Júlia Lopes de Almeida, e *Mãe*, de Chrysanthème, e explorar a possibilidade de existência de uma linha editorial de publicação. Como justificativa, é importante destacar que este trabalho tem relevância social e científica, já que investiga aspectos da história literária e editorial ainda pouco discutidos pela produção científica da área.

No que concerne ao levantamento historiográfico sobre a editora e sobre a promoção e recepção das obras, a principal fonte de informação utilizada foi a Hemeroteca Digital, que permite o acesso ao Acervo Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, além de obras como *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell, e *Metrópole à beira-mar*, de Ruy Castro, entre outros.

Leite Ribeiro, livraria e editora

A Livraria Leite Ribeiro & Maurillo foi fundada em 1917 pelos sócios Carlos Leite Ribeiro e Maurillo da Silva Quaresma e publicou cerca de 180 títulos durante os cinco primeiros anos (CASTRO, 2019; HALLEWELL, 2017). Além do expressivo volume de livros publicados, a grandeza do edifício circular ocupado pela Livraria Leite Ribeiro, situado no Largo da Carioca até 1960, também é destacado tanto por

Castro (2019) e Hallewell (2017) quanto na publicação do *Jornal Lanterna*, que o denomina como “[...] um grande estabelecimento comercial” (UM GRANDE..., 1918, p. 2).

Em virtude das poucas menções sobre a trajetória da Livraria Leite Ribeiro nas obras que tratam da história do livro brasileiro, principalmente no que se refere às informações biográficas de seus fundadores, foi preciso mapear a trajetória de ambos a partir de informações coletadas na Hemeroteca Digital do Brasil. Carlos Leite Ribeiro foi um militar que interrompeu sua carreira para se dedicar à política e ao comércio. Vivenciou e aderiu à campanha abolicionista, defendeu o regime republicano e se tornou prefeito interino do Rio de Janeiro em duas ocasiões, segundo reportagem publicada em 11 de junho de 1918 no *Jornal Lanterna*. De acordo com Castro (2019), Leite Ribeiro mantinha boas relações políticas e era próximo a Campos Salles, presidente da república em 1902, quando Carlos Leite Ribeiro assumiu interinamente a prefeitura da capital brasileira. Até agora, foram encontradas poucas informações sobre Maurillo da Silva Quaresma. Conforme uma publicação de 19 de outubro de 1916, que antecede a inauguração da editora, antes de se associar a Leite Ribeiro, Maurillo trabalhou cerca de 16 anos na editora Francisco Alves, outra importante livraria e editora no início do século XX (RIBEIRO, 1916, p. 6).

A sociedade entre Leite Ribeiro e Maurillo terminou em 1921, conforme publicado no jornal *O Paiz*, em 4 de junho do mesmo ano (LIVRARIA..., 1921, p. 7). Desse modo, Carlos Leite Ribeiro permaneceu como o único proprietário por um curto período de tempo, até que a razão social da Livraria se convertesse em *Leite Ribeiro e Cia.*, devido à sociedade com Antonio Teixeira da Boa Vista. Em 1º de novembro do mesmo ano, a nova sede da Livraria Leite Ribeiro foi inaugurada na Rua Bittencourt da Silva, antiga Santo Antonio, esquina com a Rua Treze de Maio, onde era situada também a redação do jornal *O Globo*, que ficava acima da Livraria (CHAVES, 1982, p. 2). Ainda que houvesse uma sociedade, Carlos Leite Ribeiro permanecia à frente das decisões editoriais, como diretor e editor, e, em 1922, participou das negociações para uma fusão entre a Livraria Editora Leite Ribeiro e a Cia. Gráfico-Editora Monteiro-Lobato, empresa resultante de uma reorganização da Monteiro Lobato e Cia. Porém, a fusão não foi concluída (LOBATO; RIBEIRO, 1922).

Nos meses seguintes, foram incluídos mais dois sócios no quadro social da Livraria: João Pereira da Silva Monteiro Junior e Durval de Oliveira Maia, cujas informações biográficas não foram encontradas até a publicação deste texto. Constatou-se, portanto, que a editora pode ser identificada em suas publicações como *Livraria Leite Ribeiro & Maurillo* (Carlos Leite Ribeiro e Maurillo da Silva Quaresma); *Livraria Leite Ribeiro* ou *A Grande Livraria Leite Ribeiro* (Carlos Leite Ribeiro); *Leite Ribeiro & Cia.* (Carlos Leite Ribeiro e Antonio Teixeira Boa Vista); e, por último, *Leite Ribeiro, Monteiro & Cia.* (Carlos Leite Ribeiro,

Antonio Teixeira Boa Vista, João Pereira da Silva Monteiro Junior e Durval de Oliveira Maia).

Somando novos elementos à afirmação apresentada por Hallewell (2017) de que a Editora Livraria Leite Ribeiro se tornou propriedade da Freitas Bastos, Spicer & C. na segunda metade da década de 1920 (HALLEWELL, 2017, p. 460), é importante ressaltar que houve uma fusão entre a *Leite Ribeiro, Monteiro & Cia.* e a casa comercial *Corrêa, Bastos Ltda.* em 1º de dezembro de 1923, incluindo dois novos sócios ao quadro social da L. R.: José de Freitas Bastos e Oscar Corrêa Spicer, o que fez com que a nova razão social passasse a ser *Freitas Bastos, Spicer & Cia.* Entretanto, Leite Ribeiro continuou como um dos sócios, e a seção de livraria e papelaria permaneceu com a denominação de Livraria Leite Ribeiro (RIBEIRO, 1923, p. 6). Os livros publicados a partir desse episódio a identificam como *Livraria Editora Leite Ribeiro, Freitas Bastos, Spicer & Cia.* até a saída de Carlos Leite Ribeiro, em 1927, quando a editora passou a ser identificada como Freitas Bastos & Cia.

Nesse cenário, até onde foi possível constatar, foram quatro as autoras de obras literárias publicadas pela Livraria Leite Ribeiro: Iracema Guimarães Vilela, sob o pseudônimo masculino de Abel Juruá (*Nhônô Rezende*, 1918); Chrysanthème (*Flores modernas*, 1921; *Enervadas*, 1922; *Uma paixão*, 1923; *Uma estação em Petrópolis*, 1923; *Mãe*, 1924; e *Memórias de um patife aposentado*, 1924); Júlia Lopes de Almeida (*A isca*, 1923); e Augusta Franco (*Impressões sertanejas através do feminismo*, 1925) (MARTINS, 2021). Curiosamente, todas essas obras foram publicadas no período em que Carlos Leite Ribeiro estava à frente das decisões editoriais. Hallewell (2017, p. 460) ainda enfatiza que obras didáticas, de ciência, medicina, espiritualismo, literatura infantil e jurídicas eram predominantes no catálogo da editora.

A isca, Júlia Lopes de Almeida

Nascida no Rio de Janeiro, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) publicou diversas obras entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros três decênios do XX. Além de contos e romances, a autora escreveu novelas, literatura infantil, peças de teatro, poesias, crônicas, entre outros, que foram publicados por importantes editoras da época, como a Francisco Alves, Garnier, Leite Ribeiro e Companhia Editora Nacional. Apesar das primeiras edições de seus primeiros livros serem publicações europeias, seja pelo contexto histórico editorial da época, seja por questões de cunho pessoal, a autora apresenta um crescente prestígio ao longo de algumas décadas, já que publicou no Brasil numerosas edições e reedições de suas obras. Júlia era uma profissional das letras, isto é, profissional que almejava uma carreira literária com lucro e popularidade, uma vez que lidava com editores

de maneira profissional, o que era considerado uma profissionalização feminina moderna (MARTINS, 2020; MARTINS; SANTANA, 2020).

É importante destacar que a análise da trajetória de Júlia Lopes de Almeida é uma peça relevante na compreensão da posição ocupada pela mulher naquele contexto. Devido ao seu empenho pela emancipação feminina, a autora foi uma das poucas mulheres que participou de uma série de conferências realizadas em 1905, inauguradas por Olavo Bilac e Coelho Neto, o que incentivou polêmicas sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. Assim, Almeida expressou opiniões relevantes que a fizeram participar da criação da Legião da Mulher Brasileira, em 1919, e do primeiro congresso feminino do Brasil, em 1922 (DE LUCA, 1999). A única obra da autora publicada pela Livraria Leite Ribeiro, *A isca* (1923), contém quatro novelas: “A isca”, que dá nome ao livro, “O homem que olhava para dentro”, “O laço azul” e “O dedo do velho”.

De forma geral, em *A isca* Almeida aborda convenções sociais, como o casamento, e representa as referências e os padrões civilizatórios que delinearão a riqueza e a pobreza, evidenciando a hipocrisia e a superficialidade da sociedade brasileira à época. Na primeira novela, “A isca”, Isabel é uma mulher de família abastada que se casa com Antonio, um rapaz ganancioso que busca enriquecer com a fortuna e as posses da família da esposa. Entretanto, o pai de Isabel enlouquece e falece, deixando como herança uma casa e pouca quantia de dinheiro ao casal. A fim de enriquecer novamente, Antonio aposta o pouco que tem e acaba empobrecendo mais sua família, o que o faz propor à esposa que ela consiga algum provimento, ao manter uma relação, aparentemente extraconjugal, com o ministro Vasco.

Isabel, que até então não conhecia outra realidade senão a submissão ao homem, antes a seu pai e agora ao marido, exerce o papel da esposa que parece não ter voz e, assim, cede aos caprichos de um relacionamento que se vale de sua posição submissa para conquistas financeiras e sociais. Ainda que a autora não explicita a intenção de Antonio, é possível interpretá-la como uma tentativa de oferecimento da esposa ao ministro Vasco. A possibilidade de um caso extraconjugal, de interesse econômico, torna-se mais clara quando o narrador, até então onisciente, esconde um dos diálogos do casal, como forma de expressar tratar-se de um pedido tão íntimo, e provavelmente imoral aos olhos do leitor, que nem ele – o narrador – busca revelar:

– Tu lhe dirás isto: e explicava o seu discurso, fazendo ao mesmo tempo cair sobre ela a neblina de um pulverizador repleto de essência fina.

– E se ele objectar [sic]...

– Se ele objectar [sic] tu lhe dirás mais isto... e se ele apresentar tal ou tal opinião, tu as rebaterás deste ou daquele modo...até deixá-lo convencido...

(ALMEIDA, 1923, p. 70).

O casamento ainda é elemento presente nas demais novelas da obra. Em “O laço azul”, duas irmãs, Madalena e Lucila, gêmeas idênticas, dividem o coração de Raul, um jovem militar que se apaixona por ambas, filhas de um velho amigo de seu pai. A princípio, Raul se casa com Lucila, que falece no nascimento da filha, deixando-o viúvo e livre para, como desfecho, se casar com Madalena. Já em “O dedo do velho”, Claudino é um homem de classe média, solteiro, que se torna amante de Córa, que é casada. Lourenço, um pianista que está noivo da própria prima, se sente atraído fisicamente por Córa e recebe por engano um convite para encontrá-la em sua casa, predestinado originalmente a Claudino. Quando Lourenço chega à casa de Córa, é surpreendido pelo marido dela, que lhe decepa a mão, como vingança pela traição da esposa. Após esse episódio, Claudino constata, erroneamente, que também foi enganado por Córa, acreditando que Lourenço também era seu amante, mas ajuda o pianista a encontrar o anel de noivado que estava na mão que foi decepada. Por fim, atendendo a um pedido de Lourenço, Claudino guarda em segredo o motivo da tragédia, a fim de não envergonhar e entristecer a noiva do falecido pianista.

Ao expor relações extraconjugais nessas narrativas, Almeida enfatiza a hipocrisia presente na ideia de uma relação matrimonial. Em nenhuma das histórias o casamento consegue estabelecer ou manter a fidelidade entre os cônjuges, já que estão presentes a traição e o interesse financeiro, ou seja, a autora procura explorar e expor como as relações matrimoniais são constituídas diante dos ideais da sociedade brasileira, cuja ênfase não era o amor romântico.

Há ainda nas narrativas certo tom de denúncia no que se refere ao tratamento dado à mulher. Isabel, de “A isca”, se vale de sua posição submissa ao homem. No que concerne às irmãs Madalena e Lucila, essas têm suas personalidades negligenciadas por serem gêmeas e, por isso, são descritas pelo narrador como pessoas iguais por grande parte da narrativa. Apesar de, em certo momento, suas singularidades serem mais destacadas, o desfecho da história propõe que, por serem fisicamente iguais, são substituíveis uma pela outra. Já sobre Córa, a convivência com um marido violento e controlador não justifica, para Claudino, sua infidelidade ao matrimônio, o que o faz julgá-la como mentirosa sem questionamentos.

No que se refere à última novela, “O homem que olha para dentro”, a narrativa parte da discussão entre Sinésio e Rufo sobre a relevância do dinheiro e sua relação com a busca por um ideal de vida. Sinésio possui uma situação financeira e social estável, já que é herdeiro de uma fortuna suficiente para mantê-lo confortável durante gerações, mas, por não conseguir estabelecer um propósito de vida, começa a questionar-se sobre a utilidade da pobreza na busca desse objetivo e decide vivenciá-la em busca de um ideal. Para Rufo, um dos seus familiares e amigo, Sinésio não se casou porque não acredita na fidelidade das mulheres. Como é possível observar, o casamento é mais uma vez relacionado à infidelidade, mesmo que tenha sido brevemente citado. Entretanto, Almeida realça nessa narrativa outro

elemento: a grande hipocrisia dos afortunados perante a pobreza e sua idealização. Para tanto, como desfecho da história, Sinésio desiste da ideia de encontrar um propósito de vida por meio da experimentação da pobreza ao perceber que haviam roubado parte de sua fortuna.

Em “A isca”, algumas cenas de Isabel e Antonio também realçam a oposição entre pobreza e riqueza enquanto descrevem eventos históricos significativos. Nessa primeira novela da obra, o narrador cita Isabel como alguém que não se preocupava com a guerra europeia de modo extraordinário, mas que consentiu em ter um afilhado *poilu*, termo referente a um membro da infantaria francesa durante a Primeira Guerra Mundial, a quem tia Millú enviava alguns presentes em seu nome, o que parece representar a pouca solicitude das classes sociais dominantes para com os mais desafortunados em razão da guerra. Assim, a narrativa se estabelece em um Brasil contextualizado nas primeiras três décadas do século, já que a autora constrói cenários que representam a realidade dessa época, citando o emergente contexto industrial e a Primeira Grande Guerra:

Aos dezoito anos Isabel Maria saiu do colégio e teria sido então apresentada à sociedade se não tivesse de envergar o luto pela mãe, morta numa operação de apendicite. O pai carregou então com ela para a Europa, de onde voltou em princípios de 1914, com uma nova empresa industrial e o ânimo remozado. [...] Entretanto, Isabel Maria deliciava-se com o prazer dos seus sucessos. A guerra europeia não a preocupava de modo extraordinário, mas consentiu em ter um afilhado *poilu* [...] (ALMEIDA, 1923, p. 15-16).

As influências americana e parisiense são representadas no texto de “A isca”, que cita a moda americana de homens rasparem as barbas; o fanatismo de Antonio pelos Estados Unidos, representando o anseio trazido pelo capitalismo; estrangeirismos são destacados com palavras em itálico, como *chic* e *leit motif*; e, ainda, as temporadas de espetáculos franceses que ocorriam nos teatros. Ao mesmo tempo, ao citar o fato de que famílias decidiram, durante o Império, trocar os sobrenomes que eram relacionados aos de tribos selvagens, alguns aspectos da cultura indígena são considerados pelos personagens como algo desinteressante, imoral e intelectualmente não aproveitáveis. Ou seja, apesar de esse não ter sido o foco, a autora aponta a grande valorização da cultura estadunidense e europeia durante esse período, no qual se construía uma identidade nacional, mesmo que de forma sutil, já que o trecho mencionado é breve e os termos estrangeiros se espalham entre as demais novelas.

Como uma grande metrópole brasileira, o Rio de Janeiro já era uma cidade que reunia tradições artísticas diversificadas, o que fez com que intelectuais da elite fossem atraídos para as culturas populares, como o carnaval. O modernismo carioca, não diferentemente do paulista, era também marcado pela boemia intelectual e

exibia um desejo de comunicação entre diferentes segmentos sociais (VELLOSO, 2010; CASTRO, 2019). O carnaval também é citado em “A isca”:

Carnaval! Carnaval! A atmosfera, carregada do cheiro exacerbador do éter, dilatava as narinas e fazia palpitar, com força o seio das mulheres; os olhos fulguravam no prazer estonteante daquele movimento sem interrupção e daquele ambiente agulhado de gritos e de exclamações.

Aproximava-se o Carnaval e já toda a sociedade trepidava no gozo antecipado desses três dias de fascinação. O calor de um verão abafado e lento, excitava a explosão da grande loucura coletiva, fermentada de sensualidade e mantida como o rito de uma religião sem perdões. (ALMEIDA, 1923, p. 28).

De acordo com Sussekind (1987), uma das representações de modernidade na literatura brasileira do começo do século XX é a indicação explícita de ruas e/ou características arquitetônicas. Na obra de Almeida, aqui brevemente analisada, diversas localidades são citadas, como um palacete da Rua Marquez de Abrantes; a Rua Haddock Lobo; Rua do Uruguai; e bares e restaurantes, como Brahma ou Paris. É interessante observar que os espaços nomeados também contribuem para demonstrar a condição econômica dos personagens, já que são espaços localizados em bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, o cenário favorece a ideia de que um dos temas mais relevantes da obra como um todo sejam as convenções sociais de aparência, que, nesse caso, se constroem pelo conflito entre a pobreza e a riqueza, experimentado pelos personagens da obra de Almeida.

Outros elementos da modernidade ainda se destacam no cenário da narrativa de *A isca*, que não propõe apenas uma discussão do cotidiano moderno relacionado à vida mental, às relações sociais. Os automóveis são retratados como instrumentos de ostentação da burguesia carioca, assim como os combustores elétricos. A indústria é fortemente citada na primeira novela e acompanha uma delicada citação sobre questões de relação entre empregados e empresários que se entende até as demais narrativas. Ademais, acende uma discussão sobre as mudanças na agricultura decorrentes da guerra, por meio de um diálogo entre Sinésio e Rufo, que exhibe o cenário industrial:

– Ouça: pode ser que eu me engane, mas considero começado o período de decadência da grande remodelação social, que obrigará a agricultura a mudar de sistema e de processos. Os lavradores, mesmo os mais rotineiros, egoístas e ferrenhos, serão pouco a pouco obrigados a executar gestos de abnegação... A guerra espalhou pelo mundo a semente das reivindicações e a luta que antes era latente tornou-se agora feroz e franca. Empregado e patrão têm de se encarar de modo diferente...oh, muito diferente, do modo porque até agora olhavam

um para o outro... [...] A voracidade das nossas indústrias e o ventre das nossas capitais exigem para os seus fornos e cozinhas a lenha das matas. Abatem-se para isso as árvores, mas quem as replanta? Não competiria ao Ministério combinar com as diretorias das Estradas de Ferro para que as suas margens fossem cultivadas, o que redundaria em proveito das mesmas estradas e em exemplo atraente para o passageiro em trânsito? Há nada mais desconsolador do que viajar entre charneças ou entre pauis? Diga-me!

(ALMEIDA, 1923, p. 116).

Apesar de menos recorrentes do que nos contos de *Ânsia eterna* (1903), a autora se utiliza de elementos da natureza e de sensações para descrever aspectos do cenário, em que busca utilizar a verossimilhança para aproximar o leitor dos sentimentos e sensações experimentadas pelos personagens: “Vera começou lentamente a desfolhar as suas angélicas e a morder-lhes as brancas pétalas carnudas. O vento agitava-lhe os cabelos ondulados e finos, espalhando-os pela frente e pelo rosto” (Ibid., p. 10). Além disso, apesar de não intercalar a prosa com a crônica, como Benjamim Constallat em *Mlle. cinema*, *A isca* também traz certa intertextualidade entre gêneros literários ao mesclar a prosa com trechos epistolares na primeira e na última novela.

Ainda que Almeida incorpore tantos elementos contextuais, a estrutura textual de *A isca* não apresenta grandes inovações, como, por exemplo, a possibilidade de mudança no ritmo da narrativa, pontuada em algumas obras pela pesquisa de Sussekind (1987). Assim, pode-se afirmar que Júlia não incorporou procedimentos modernos à técnica literária ou aos aspectos estilísticos do seu texto, mas que tematizou a modernização da sociedade ao citar novas tecnologias trazidas pela modernidade e, principalmente, ao propor uma reflexão acerca de assuntos relacionados à mulher moderna, cuja busca pela cidadania ainda encontrava muitos obstáculos.

Mãe, Chrysanthème

Outra autora – talvez a mais – publicada pela Leite Ribeiro nos anos 1920 foi Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, mais conhecida como Chrysanthème. Cecília foi filha de Emília Moncorvo Bandeira de Melo, que atuava como escritora sob o pseudônimo Carmen Dolores. Teve diversas obras publicadas pela editora, a saber: *Flores modernas* (1921); *Enervadas* (1922); *Uma estação em Petrópolis* (1923); *Uma paixão* (1923); *Memórias de um patife aposentado* (1924); e *Mãe* (1924). Chrysanthème, diferentemente da escrita de Júlia Lopes de Almeida, aborda de forma mais explícita os temas que envolvem a liberdade da mulher moderna do começo do século XX, principalmente no que se refere à

violência contra mulheres e aos obstáculos sociais enfrentados por essas, como o divórcio e a independência financeira. É importante ressaltar que hoje há grande dificuldade em encontrar referências sobre sua vida pessoal e profissional, já que, apesar de aparentemente ter sido uma escritora mais conhecida à época, não tem sua biografia aprofundada em obras críticas da literatura. Entretanto, a escritora foi responsável por um grande número de crônicas publicadas nos jornais do começo do século XX e que são acessíveis por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil e que merecem uma análise mais aprofundada.

Em *Mãe*, publicado pela Leite Ribeiro em 1924, um narrador onisciente norteia o leitor pelo sofrido caminho percorrido por uma mãe vítima de um destino que parecia ser comum às mulheres da época: a dependência financeira. Na narrativa, Regina, personagem principal da história, decide se casar depois de ouvir a mãe, já viúva, comentar como é árduo o seu trabalho para criar as filhas sozinha. A partir disso, e apenas com o objetivo de ajudar a pobre mãe, Regina se casa na primeira oportunidade que lhe é dada. Seu marido, Homero Valadares, é um advogado a quem Regina não ama. Além do vício em jogo e do alcoolismo, o comportamento violento de Homero se intensifica com o passar do tempo, pois passa a maltratar a esposa das mais diversas formas. Desde o primeiro capítulo, o narrador descreve o sentimento de desgraçada que preenche os pensamentos de Regina, que pensa constantemente em suicídio. Entre outras cenas de violência descritas, como a em que Homero corta o cabelo da esposa, a narrativa expõe uma cena de violência sexual, motivo pelo qual Regina engravida:

Mas depois de vomitar longamente sobre o chão, como um animal repugnante, o marido voltava à carga, à ideia fixa de saciar nela os seus desejos bestiais. Aliviado do peso nauseoso que lhe calcava sobre o estomago e que lhe impedira a ligeireza no ataque, que o tornaria facilmente vitorioso do frágil ente encostado na parede, quase sumido entre os lençóis, ele avançava, agora, violento, eynico, com as mãos estendidas para apossar-se do mísero corpo da mulher estarecida de pavor. Regina gritou, mas um travesseiro habilmente jogado, abafou-lhe os clamores e ela só se pôde debater, e em vão, contra as tenazes que fortemente a seguravam. Sem atender aos seus gemidos de protesto, e aos seus gestos de repulsão, ele babujava-lhe agora o seio claro de saliva mau cheirosa, murmurando-lhe frases brutais de besta no cio. E foi assim que, faminta e violentada, fremente de ódio e de asco, Regina concebeu.

(CHRYSANTHÈME, 1924, p. 79).

Após engravidar, Regina decide abandonar o marido desprezível e vive como agregada na casa de uma tia, em companhia da prima, pela qual é constantemente lembrada de que é uma mulher separada que vive de favor. Após longos episódios

humilhantes sofridos na casa de sua tia, Regina encontra um homem que a sustente, mas que não pode se casar com ela, já que o casamento com uma mulher divorciada era considerado inadequado pelos costumes de seu tempo. Por fim, após uma vida cheia de sofrimentos e humilhações, a filha de Regina, Eva, se casa com um pretendente apresentado pelo amante da mãe. Entretanto, após o casamento, o rapaz busca afastá-las, uma vez que Regina não é bem-vista pela sociedade por ter sido uma mulher divorciada e amante, enquanto o genro busca reconhecimento social pelos mais afortunados. Por meio de uma narrativa intensa, estruturada em quatro partes, o desfecho da história concretiza a denúncia de Chrysanthème sobre as poucas e comoventes opções dadas à mulher do começo do século XX, que não tem a felicidade como desfecho. Sugere-se aqui uma possibilidade de motivo para tal conclusão: a denúncia do sofrimento vivido pelas mães que precisam se submeter a relacionamentos autoritários, à exploração e aos julgamentos sociais, principalmente pela falta de oportunidades que promovam sua independência financeira.

Outro ponto relevante é o fato de que Regina não sofre discriminação apenas pelos personagens masculinos, mas também das mulheres da sua própria família, incluindo sua filha Eva, que, no desfecho da história, se afasta da mãe ao se casar devido às condições impostas pelo seu marido. Nesse contexto, Chrysanthème frisa a solidão e os medos de Regina durante a criação de Eva:

Não era a primeira vez que esbarrava com um tratamento suspeito de parte dos bem classificados nessa coletividade humana, que na sua defesa detesta e deprime o vencido, protestando-se, entretanto, diante do vencedor, seja ele quem for e sejam quais forem os meios empregados por ele para o triunfo. Naquele fim de tarde, ao ver distraidamente o profeta acender o gás da rua ela recordou de quando já sofrera com a dubiedade da sua situação de mulher, que não era casada, nem solteira, nem viúva e, embora dissesse sempre a filha muito inteligente ser este último o seu estado, ela temia que alguém, por perversidade ou por tolice, contasse à menina a história trágica e real de sua vida de abandonada (Ibid., p. 176).

Em *Mãe*, podemos encontrar alguns poucos elementos destacados por Sussekind (1987), que representam a modernidade no texto literário, como o uso de localizações, por exemplo, já que a autora cita a Rua Silveira Martins e o bairro Andaraí, no Rio de Janeiro. É possível observar como na obra de Chrysanthème o contexto econômico dos personagens se difere dos da obra de Almeida, já que a narrativa se passa em bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Através de uma narrativa onisciente, o texto mostra alguns elementos para descrever o cenário, correlacionando-o aos sentimentos da personagem, como raiva, ódio, felicidade e tristeza, experimentados por Regina, que sofre diante

da imposição da realidade. Em um momento de tristeza, a narrativa apresenta a protagonista “[...] toda dobrada sobre si mesma, como um animal que sofre, Regina fixava agora o tapete de flores descoradas [...]” (CHRYSANTHÈME, 1924, p. 8). Já na descrição de uma personagem esperançosa, o texto propõe uma natureza que renasce:

Agora já não chovia. A natureza aplicada rasgava depressa as nuvens que lhe ofuscavam ainda o esplendor. As árvores saíam mais novas e mais verdes desse banho e os pássaros, álacres, cantavam, voejando de galho em galho [...]. Regina espreguiçou-se e abandonou a cadeira (Ibid., p. 21).

Ainda que haja citações de alguns meios de comunicação, como o jornal *O Paiz*, o texto incorpora poucos elementos contextuais e, assim como na obra de Júlia, a estrutura textual de *Mãe* não apresenta grandes inovações. Portanto, a autora também não incorporou procedimentos modernos à técnica literária, aos aspectos estilísticos do seu texto, tampouco tematizou a modernização da sociedade, relacionando-a com as novas tecnologias da época. Chrysanthème busca propor uma modernização focada nos aspectos sociais, principalmente no que se refere ao tratamento dado à mulher, enfatizando diferentes tipos de violências experimentadas pelas mães.

Como similaridades, enquanto uma parte da produção cultural mundial se centrava no intelecto e na lógica, Júlia Lopes de Almeida e Chrysanthème podem ser incluídas entre os profissionais que buscavam articular a discussão do moderno à vida mental, como Sergio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, citados por Velloso (2010). Ambas as autoras discutem, nessas obras, temas relacionados ao cotidiano da mulher daquele tempo, mas encontram-se em posicionamentos distintos. Júlia promove uma reflexão acerca de questões relacionadas ao cotidiano da mulher e seu papel no cenário familiar, proporcionando aos leitores de *A isca* uma perspectiva cultural sobre a liberdade e a autonomia feminina daquele tempo. Por outro lado, em *Mãe* Chrysanthème parece revelar de forma mais ostensiva problemas não apenas culturais, mas também políticos e sociais, que interferem na liberdade de escolha da mulher, como, por exemplo, as dificuldades da maternidade na criação e no sustento de seus filhos, ou, como faz também em *Enervadas* (1922), a repressão social sofrida por mulheres divorciadas.

Promoção, recepção e acesso

Apesar de distintos em aspectos diversos, os textos literários de ambas as autoras buscam, cada qual à sua maneira, representar as adversidades enfrentadas pelas mulheres no começo do século XX. A obra de Júlia Lopes de Almeida parece ser mais promovida publicitariamente do que a obra de Chrysanthème, publicada

na mesma década pela Leite Ribeiro. Enquanto pesquisas preliminares permitem perceber que *Mãe* dispôs de alguns poucos anúncios no jornal *Correio da Manhã*, em 1924, o anúncio da publicação de *A isca* foi identificado, até o momento, no *Jornal do Comercio*, no *Jornal do Brasil* e, principalmente, em *O Paiz* (1921), que enfatiza que os livros de Almeida editados pela Alves & C. estavam esgotados e passariam a ser impressos por outra livraria – é possível que fosse a Leite Ribeiro, mas não fica claro –, que *Cruel amor*, publicado pela Francisco Alves, está no prelo e os originais de *A isca* foram entregues para a Leite Ribeiro.

Uma das possibilidades de justificativa para a observação é o fato de Júlia Lopes de Almeida aparentar ter um prestígio maior na literatura nacional nos anos 1920, por ser uma mulher casada e escritora experiente, já reconhecida e respeitada pelos intelectuais brasileiros. Um acontecimento interessante que comprova este fato é que, em 1929, a administração da Biblioteca Nacional do Brasil aumenta a sua verba destinada aos serviços de permutas nacionais e internacionais, que envia coleções de obras brasileiras a outros países, principalmente aos Estados Unidos, e inclui *A isca* como uma das obras destinadas a esse serviço, ao lado de obras de autores como Monteiro Lobato, Humberto de Campos e Viriato Corrêa, como registrado pelo *Jornal do Brasil* em 21 de agosto de 1929. Não foram encontrados, até agora, registros sobre a inserção de alguma obra de Chrysanthème nessa coleção (INTERCÂMBIO..., 1929, p. 11).

Por outro lado, Chrysanthème, que mantinha a coluna “Palestra feminina” e publicava diversos textos em *O Paiz*, descreveu, em algumas dessas ocasiões, a relação que tinha com o ambiente da Livraria Leite Ribeiro, na qual encontrava colegas de ofício, como Goulart de Andrade, Raphael Pinheiro, Benjamin Costallat e, ainda, o Carlos Leite Ribeiro.

As luzes da Avenida acendiam-se, uma destas tardes, como sempre, a um só tempo, num jorro rápido de chamas claras, quando penetrei na Livraria Leite Ribeiro, á hora de seu maior movimento. [...] No fundo, encurvado sobre a mesa entulhada de papeis, onde as suas dextas erram sempre em confusão, o coronel Leite Ribeiro, com o seu perfil de granadeiro francês, preside àquele cenáculo de compradores e de conversas (CHRYSANTHÈME, 1922, p. 3).

Por fim, é importante destacar que o acesso às obras aqui discutidas, assim como a outras do mesmo período, é extremamente difícil. A discussão só pôde ser aprofundada devido ao acervo da Hemeroteca Digital, que proporciona o acesso aos periódicos da época, e de consulta ao Acervo Geral da Biblioteca Nacional (BN), além do acervo aberto do Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque (LABELLE), disponibilizado pela UERJ, que permitiu o acesso integral às obras analisadas, uma vez que elas já estão em domínio público.

Em relação ao Acervo Geral da BN, foi possível constatar que, apesar de conter outras publicações das autoras disponíveis para acesso no local, não há registro catalográfico de nenhum dos livros supracitados, apenas da primeira edição de *Cruel amor*, obra de Júlia Lopes de Almeida publicada em 1911 pela Francisco Alves. Além disso, a busca pelos nomes das autoras no Catálogo de Autoridades da BN não apresentou resultados satisfatórios. Nesse cenário, foi possível identificar que é extremamente necessário fortalecer o desenvolvimento de coleções de bibliotecas digitais que integrem obras publicadas nas primeiras décadas do século XX, já que a ênfase nas políticas dos processos de aquisição e seleção voltadas a esse período poderá incentivar e permitir o acesso a obras – principalmente as de autoria feminina, muitas já esquecidas pela crítica – já desconhecidas por grande parte da população e por pesquisadores da área de Letras e de Biblioteconomia, influentes na preservação da história e da historiografia literária brasileira. A escassez dessas obras no acervo da Biblioteca Nacional do Brasil pode ser justificada pela eventualidade entre a data de publicação das obras e o período de padronização das práticas bibliotecárias. Nesse sentido, é importante ressaltar que, no começo do século XX, não havia uma padronização internacional para o registro dessas obras.

Considerações finais

A leitura de alguns textos produzidos em épocas remotas nos proporciona percepções não apenas sobre o passado, mas, muitas vezes, também sobre o presente, no sentido de contribuir para a compreensão do caminho percorrido até as pautas discutidas atualmente. Assim, explorar as obras de autoria feminina publicadas pela Leite Ribeiro pode colaborar na investigação sobre a escrita feminina no Brasil.

Em relação aos objetivos propostos, a hipótese que parece se estabelecer, de acordo com as possibilidades de acesso até aqui exploradas, é a de que a Editora e Livraria Leite Ribeiro não segue uma linha editorial pautada estritamente nas discussões feministas da época e que o número de obras de autoria feminina é menor se comparado ao de autoria masculina, já que apenas 9 das 41 obras de prosa de ficção identificadas até o momento, publicadas pela Leite Ribeiro na década de 1920, foram escritas por mulheres. Porém, durante os anos 1921 e 1925, enquanto Carlos Leite Ribeiro era editor e diretor da Livraria e Editora Leite Ribeiro, houve uma pequena intensificação no interesse da editora por romances que tratassem de assuntos relacionados à mulher moderna, seja de uma perspectiva menos ostensiva, como pela escrita de Júlia, seja mais explícita, como nos livros de Chrysanthème.

Tal percepção não exclui a possibilidade de haver uma linha editorial inerente às obras de autoria feminina publicadas pela editora durante a década de 1920, já que

as autoras aqui analisadas tratam do mesmo universo. Entretanto, para confirmar ou não tais traços, há ainda a necessidade de aprofundar a análise sobre essas e as outras obras de autoria feminina publicadas pela editora, assim como avaliar se outras variáveis, sejam políticas, sejam sociais, interferiram na construção de uma linha editorial.

FENERICK, G. M. P. The writing by female authors publishes by Livraria Leite Ribeiro: Júlia Lopes de Almeida and Chrysanthème. **Itinerários**, Araraquara, n. 55, p. 29-45, jul./dez. 2022.

■ **ABSTRACT:** This study starts from the analysis of two literary works published by Livraria Leite Ribeiro in the 1920s: *A isca*, by Júlia Lopes de Almeida, and *Mãe*, by Chrysanthème, a pseudonym used by Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos. As the objective, it is intended to present part of the writing of female authorship published by Livraria Leite Ribeiro at the beginning of the 20th century. Hallewell (2017), Velloso (2010) and Castro (2019) were used, in addition to the collection provided by the Hemeroteca Digital of the National Library of Brazil. In conclusion, it was possible to verify that both authors discuss, in these works, themes related to the daily life of women at that time, but they are in different positions. Júlia promotes a reflection on issues related to the life of modern women and their role in the family scenario, while Chrysanthème seems to reveal in a more ostensible way not only cultural but also political and social problems that interfere with women's freedom of choice. In this way, the fact that Livraria Leite Ribeiro was not based just on the production of books by women, since most of the books published by the publisher are by men, does not exclude the possibility that there is an editorial line inherent in the works of female authorship published by the publisher during the investigated period.

■ **KEYWORDS:** *Livraria Leite Ribeiro; Julia Lopes de Almeida; Chrysanthème.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Julia Lopes de. **A isca**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Leite Ribeiro, 1923.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHAVES, Eneida Maria. Entrevistas relativas ao mundo literário. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 24, p. 165-176, 1982. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69714>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CHRYSANTHÈME. A semana. **O Paiz**, 14 maio 1922, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_05/9607. Acesso em: 13 jan. 2023.

CHRYSANTHÈME. **Mãe**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Leite Ribeiro, 1924.

DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 12, p. 275-299, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918>. Acesso em: 13 jan. 2023.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

INTERCAMBIO Intelectual Americano: o que tem feito a administração da Bibliotheca Nacional. **O Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 ago. 1929, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pagfis=77931. Acesso em 04 out. 2021.

LIVRARIA Leite Ribeiro. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 4 jun. 1921, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_05/6089. Acesso em: 13 jan. 2023.

LOBATO, Monteiro; RIBEIRO, Carlos Leite Ribeiro. [Carta enviada para a Academia Brasileira de Letras]. **Jornal do Comércio**, 29 dez. 1922, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_11/45935. Acesso em: 13 jan. 2023.

MARTINS, Milena Ribeiro. Mulheres de 1920. In: COSTA, H.; MEUCCI, S.; TRINDADE, A. D. (orgs.). **À margem do(s) cânone(s) III: arte e produção cultural**. Curitiba: Editora da UFPR, 2021, p. 67-93.

MARTINS, Milena Ribeiro. O livro brasileiro nos anos 1920: aspectos gráficos e atuação dos escritores / *The Brazilian book in the 1920's: graphic aspects and writers' performance*. **O eixo e a roda: revista de literatura brasileira**, v. 29, n. 1, p. 218, 2020. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15614. Acesso em: 13 jan. 2023.

MARTINS, Milena Ribeiro; SANTANA, Claudia Daniele Blum. Segredos, dramas e hipocrisia em *A isca*, de Júlia Lopes de Almeida. **Letras em revista**, v. 11, n. 2, jun./dez. 2020. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/400/186>. Acesso em: 13 jan. 2023.

RIBEIRO, Carlos Leite. Seção livre: Livraria editora. **Gazeta de notícias**, Rio de Janeiro, 19 out. 1916, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pagfis=39241. Acesso em: 04 out. 2021.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

*A escrita de autoria feminina publicada pela Livraria
Leite Ribeiro: Júlia Lopes de Almeida e Chrysanthème*

UM GRANDE estabelecimento comercial: Livraria editora Leite Ribeiro. **Lanterna:** diário vespertino, Rio de Janeiro, 11 jun. 1918, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/D ocReader.aspx?bib=830291&pagfis=1718>. Acesso em: 13 jan. 2023.

VELLOSO, Monica Pimenta. **História e modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

